



*Metodologias de Trabalho  
Arqueológico.  
Campo, Laboratório,  
Divulgação*



[www.cph.ipt.pt](http://www.cph.ipt.pt)

N. 1 // Dezembro 2014 // Instituto Politécnico de Tomar

**PROPRIETÁRIO**

Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar  
Edifício M - Campus da Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313 Tomar  
NIPC 503 767 549

**DIRETORA**

Ana Cruz, Centro de Pré-História

**SUB-DIRETORA**

Ana Graça, Centro de Pré-História

**DESIGN GRÁFICO**

Gabinete de Comunicação e Imagem  
Instituto Politécnico de Tomar

**GABINETE DE TRADUÇÃO**

Fátima Paiva  
Instituto Politécnico de Tomar

**PERIODICIDADE**

Anual

**ISSN**

2183-1386

**EDIÇÃO**

Centro de Pré-História

**ANOTADA NA ERC**

**SEDE DE REDACÇÃO**

Centro de Pré-História



Os textos são da responsabilidade dos autores.

### **CONSELHO DE REDACÇÃO**

Professora Doutora Primitiva Bueno Ramirez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Enrique Cerrillo Cuenca, Instituto de Arqueología de Mérida – CSIC –  
Gobierno de Extremadura

D. António Gonzalez Cordero, IES Zurbarán de Navalmoral de la Mata (Cáceres)

---

### **COMITÉ DE LEITURA / CONSELHO CIENTÍFICO-CONSULTIVO**

Designer Alda Rosa

Professor Doutor Armando Redentor

(Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património)

Professor Doutor André Luis Ramos Soares (Universidade de São Paulo, USP, Brasil)

Professor Doutor Cristian Schuster (Universidade „Valahia”, Târgoviște, Roménia)

Doutor Davide Delfino (Museu Ibérico de Arqueologia e Arte, Abrantes)

Professor Doutor Fernando Coimbra

(Investigador Integrado do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra)

Professor Doutor George Nash

(visiting fellow Department of Archaeology and Anthropology, University of Bristol)

Professora Doutora Mila Simões de Abreu (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Professora Doutora Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Professora Doutora Madalena Larcher (Instituto Politécnico de Tomar)

Professora Doutora Maria de Jesus Sanches (Universidade do Porto)

Professora Doutora Maria de la Salette da Ponte  
(Investigadora “Ocupação Romana em Portugal”)

Professora Doutora Marta González Herrero (Universidade de Oviedo)

Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)

Professor Doutor Ricardo Triães (Instituto Politécnico de Tomar)

Professora Doutora Palmira Saladié Balleste (Universidade Rovira i Virgili)

Doutora Sara Cura (Museu de Mação)

# DA EPIGRAFIA COMO CIÊNCIA

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras  
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
jde@fl.uc.pt

# Da Epigrafia como ciência

José d'Encarnação

**Historial do artigo:**

Recebido a 28 de julho de 2014

Revisto a 31 de agosto de 2014

Aceite a 07 de outubro de 2014

## RESUMO

Discorre-se acerca da Epigrafia como ciência, dotada de objecto, metodologia e objectivo próprios. Traça-se uma panorâmica dos manuais de Epigrafia recentemente publicados. Tecem-se considerações sobre o estudo a ser feito de cada epígrafe, consoante se trate de um inédito ou de um documento já publicado e cuja nova abordagem importa justificar.

**Palavra-chave:** Epigrafia.

## 1. A Epigrafia Como Conceito

Admite-se hoje, sem reservas, um alargamento da noção de “ciência”. Não se confina a investigação dita ‘científica’ à descoberta de regras passíveis de quantificação, tendente ao estabelecimento de rígido determinismo de causa/efeito; aceita-se o imenso campo das Ciências Sociais e Humanas, entre as quais a História cabe de pleno direito.

Fundamentalmente, são três os pontos a reter: uma ciência individualiza-se se tem um **domínio** específico de acção e se propõe um **objectivo** definitivo mediante a utilização de **metodologia** própria.

À Epigrafia cabe o estudo das inscrições em suporte ‘duradouro’. Trata-se, sem dúvida, de definição que parte de uma visão restritiva. Compreende-se, por isso, que Mário Jorge Barroca haja dedicado o primeiro capítulo da sua dissertação de doutoramento (2000: 5-33)(1) à análise dos «conceitos de epígrafe e de epigrafia», salientando que não basta ater-se a critérios de durabilidade e de publicidade, porque a ciência epigráfica vai mais além:

*«Deve explorar todos os aspectos externos dos seus documentos, sistematizando-os e retirando deles toda a informação que, para além da mensagem óbvia e evidente que está contida no seu texto, eles podem fornecer para a História»* (2000: 33).

É bem verdade que nos deixámos seduzir pela definição de René Cagnat: «Epigrafia, ciência das inscrições» (1914: XIII). Raymond Bloch esclareceria depois (1964: 5), ao salientar que, atendendo ao significado da palavra grega ἐπιγραφή – donde, em 1845, pela primeira vez, se retirou etimologicamente «epigrafia», a

‘escrita sobre’ –, que o suporte era, de facto, o seu carácter distintivo: «*une matière durable, pierre, terre-cuite, metal, verre, os, stuc, mosaïque*». Não deixa, porém, de ser significativo verificar que Raymond Bloch poderia ter posto dois pontos a seguir a ‘durable’, significando que iria, de seguida, dar exemplos – não deu; e, por outro lado, após ‘mosaïque’ não pôs reticências, como se a enumeração acabasse ali – acabou.

Num dos mais recentes manuais de Epigrafia, o coordenado por Javier Andreu (2009), considera-se válida a definição de Lassère (2005: 4), tomada a partir do seu objecto:

«*La Epigrafia Latina, por tanto, ha de ocuparse de “leer, completar, interpretar y datar las inscripciones”*».

Parte-se, pois, de algo palpável, um documento inscrito; procura-se interpretar o que nele se escreveu; a sua integração no espaço e no tempo é tarefa primordial para o podermos vir a utilizar como fonte histórica. Daí que, durante algum tempo, à Epigrafia (como à Numismática, à Heráldica, à Paleografia...) haja sido atribuída a função de «ciência auxiliar» da História. É-o, de facto, se tivermos em conta que também é com esses documentos que a História se faz; mas não pode dar-se à palavra «auxiliar» uma conotação de... ‘menoridade’!

Aliás, também as disciplinas referidas ‘vivem’ da Epigrafia, pois ostentam inscrições que intrinsecamente lhes dão consistência: não compreenderíamos uma moeda sem a legenda que lhe especifica o valor e a data; na Heráldica, as divisas são inscrições; a Paleografia, estudo da evolução da forma da escrita, tem nas epígrafes campo privilegiado de análise...

Entre nós, o vol. II das *Fouilles de Conimbriga* terá, porventura, apontado para uma nova forma de encarar a epígrafe: como documento arqueológico. Não admira, porque o contexto da publicação era a arqueologia e os autores epigrafistas, sim, mas de formação ‘concreta’: encontrara-se uma inscrição, mas... originalmente, onde é que ela esteve, porquê e para quê? Daí que a descrição cuidada do ‘objecto’ e do contexto em que foi detectado haja assumido importância fundamental. Cá está a integração no espaço, tão cara a Robert Étienne.

A tónica da integração no tempo devo-a ao saudoso Giancarlo Susini, meu grande Mestre depois de D. Fernando de Almeida e de Étienne. Susini interessou-se pela forma. O seu *Il Lapidista Romano* é a primeira e enorme perspectiva sobre o ‘nascimento’ de uma epígrafe, a lembrar aquela passagem do nosso imortal Padre António Vieira: «*Arranca o estatuário uma pedra destas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem (...)*». Não se trata de uma escultura, aqui; todavia, o processo não deixa de ser idêntico: não é para ‘formar um homem’, mas para estender um texto na superfície que, de «tosca», o maço e o cinzel adoçaram e tornaram ‘campo’ próprio para acolher uma epígrafe. Sabia o estatuário o que iria esculpir e como o haveria de fazer; conhecia o lapidista todos os segredos do suporte e do modo de nele gravar a mensagem. Mas da **forma** se passa à **função**: comunicar – no presente e no futuro (2).

Por isso sempre me encantou a ‘definição’ que ressalta, não exactamente com estas palavras, das reflexões que Susini magistralmente expôs em 1982:

«*Epigrafia é a ciência que estuda a forma como o Homem, em determinado momento, seleccionou ideias para as transmitir aos vindouros*».

A epígrafe é mensagem sintética, pensada em todos os seus pormenores, num momento concreto, destinada a ser lida e... a perdurar! Ao epigrafista compete, pois, lê-la em todos esses pormenores, os explícitos e os implícitos (por vezes, mais interessam estes que aqueles!...) e, a partir deles, fazer História, porque dispõe – e esse é o seu privilégio! – de um documento genuíno, tal qual saiu, porventura há milénios atrás, das mãos de quem o produziu. Não poderá ser uma cópia? E qual o problema? A cópia também obedeceu a motivações, também teve o seu tempo, também... é um documento!

Por conseguinte, acabamos por não dar demasiado peso ao suporte como critério definidor da disciplina: privilegamos o carácter ‘lapidar’, lacónico, preche de significado de cada palavra cirurgicamente escolhida (dir-se-ia), e, sobretudo, queremos chegar é ao homem que lhe esteve por detrás, ao que quis dizer-nos, à imagem que ele nos quis realmente transmitir!

## 2. Os Manuais

Já tive ensejo de contar como, em 1977, por ocasião do VII Congrès International d'Épigraphie Grecque et Latine, celebrado em Constanza, na Roménia (09-15.09.1977), insistíamos junto de Hans-George Pflaum (então já com 75 anos) que nos escrevesse um manual para substituir a 4ª edição, de 1914, de René Cagnat. Pflaum resistiu, considerando (dizia, se bem recordo) que, para ultrapassar Cagnat, ainda tinha muito que aprender!

Fora-me concedido o privilégio de, a partir do ano lectivo de 1975-1976, leccionar, na Faculdade de Letras de Coimbra, no âmbito da Pré-Especialização em Arqueologia, Epigrafia Latina como cadeira anual. Até aí, Epigrafia figurava – quando figurava! – nos currículos universitários como discreta disciplina semestral. Tal circunstância deu-me oportunidade de repensar os fundamentos desta ciência com vista à sua didáctica, incitado também por três outros factores de real importância:

é o espírito precursor do referido corpus das inscrições de Conimbriga;

é o grande empenho do Centre Pierre Paris, nomeadamente de Robert Étienne, em encetar a edição de corpora peninsulares (3);

é o enorme entusiasmo que se gerou em relação a esses documentos epigráficos, pelas províncias espanholas, a que não foi alheia a concomitante proliferação de universidades, tendo cada Diputación Provincial apoiado, sem hesitação, as propostas de publicações (4).

O manual *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina* (1979) vem, pois, nessa sequência e constituiu a primeira tentativa de apresentar, para o público português os rudimentos com vista a criar nos estudantes a apetência pelo seu estudo (5). Resultou. Primeiro, porque a disciplina começou a suscitar ainda mais entusiasmo; depois, porque, fruto desse entusiasmo, se fizeram inúmeras descobertas que foram de imediato publicadas quer na revista *Conimbriga*, quer, a partir de 1982,

no *Ficheiro Epigráfico*, expressamente criado para dar vazão a tantos monumentos inéditos que se estavam a encontrar (Encarnação, 1988).

Recorde-se que, ao tempo, apenas se dispunha, na Península Ibérica, para além do clássico Cagnat e do já referido livro de Raymond Bloch, a obra de Pedro Battle, já de consulta apenas em bibliotecas, dada a sua raridade. A *Introdução* foi pensada, pois, para o âmbito peninsular e como manual que se desejou extremamente prático e simples; as sucessivas edições foram sendo actualizadas na bibliografia e também mediante a inserção de estudos concretos exemplificativos. Atendendo à procura, optou-se por disponibilizar, no final de 2013, como 4ª edição (com nota introdutória) a 3ª (de 1997) em formato digital.

Ampliando os elementos aí disponibilizados – tendo em conta preferentemente o mundo universitário peninsular – e também porque se pretendeu alargar o âmbito deste manual mediante a apresentação de textos complementares, que documentassem a importância dos monumentos epigráficos como fonte histórica para todas as épocas e para todos os domínios, editou-se na Imprensa da Universidade de Coimbra *Epigrafia – As Pedras que Falam* (1ª edição, Maio 2006; 2ª, revista e aumentada, Março 2010), sobre que Javier Andreu Pintado teve a amabilidade de preparar uma recensão, para que, naturalmente, remeto (6).

Creio poder afirmar que abundantemente frutificou o exemplo do que se publicara no já longínquo 1979. E, assim, outros manuais surgiram, especialmente nos primeiros anos do século XXI. Debrucei-me, em 1984, sobre a *Epigrafia Romana* de Giancarlo Susini; em 1993-1994, sobre o livro de López Barja; e em 2004 sobre *Epigrafia Romana*, de Angela Donati. A propósito de alguns dos manuais entretanto surgidos algo poderá agora assinalar-se (7), no voto de que este apanhado relativo aos estudos epigráficos na Europa Ocidental sirva não apenas para mostrar que temos orgulho em ter sido pioneiros como também – e sobretudo – para realçar o crescente interesse que este domínio científico vem despertando.

## 2.1. Paul Corbier

Teve Mauricio Pastor Muñoz, docente de História Antiga da Universidade de Granada, a iniciativa de proceder à tradução de um livro de Paul Corbier (Figura 1), que foi publicado como manual de Epigrafia por aquela Universidade. Juntou-lhe um apêndice (2004: 279-292) com exemplos de inscrições granadinas. Nada se explicita no volume acerca da edição original, mas posso acrescentar que a 2ª edição, em língua francesa, foi feita em 2006 por Armand Colin (Paris) (8).



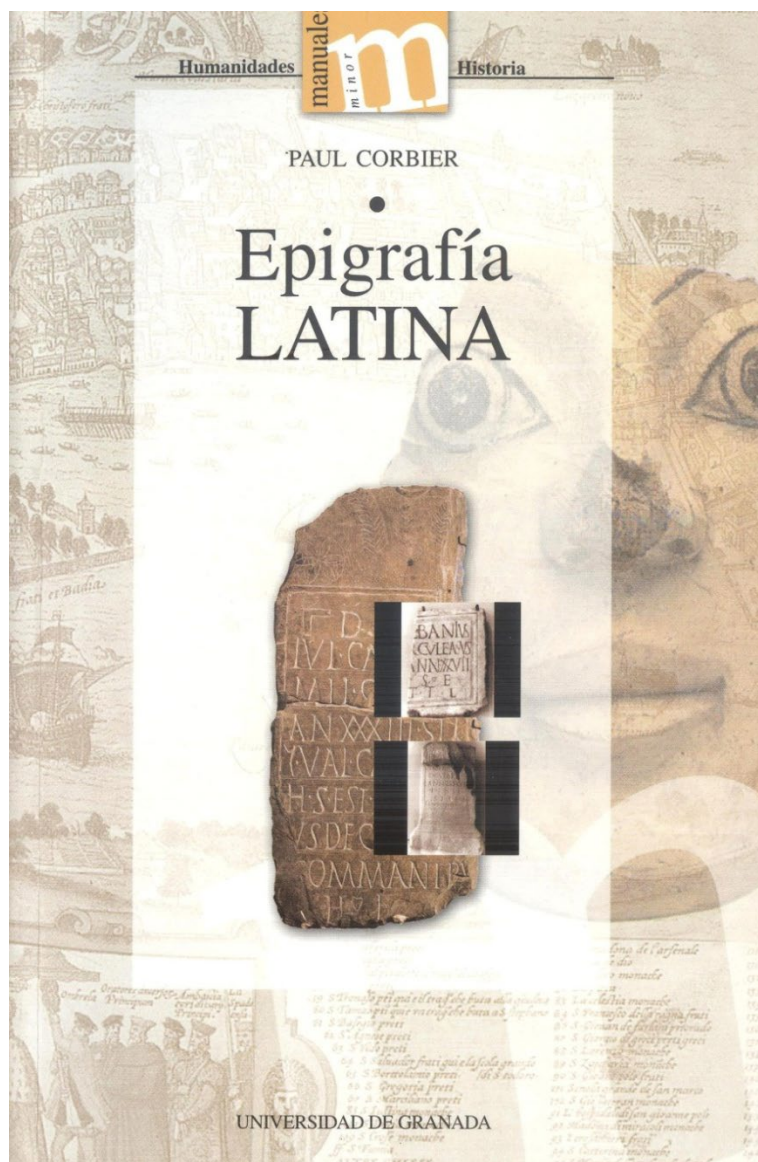


Figura 1

Esteve Paul Corbier ligado à criação, em meados da década de 70 do século passado, do SYCIL, «Système automatisé de consultation d'un *corpus* d'inscriptions latines». Num momento em que se davam os primeiros passos na informatização dos *corpora*, este sistema antojava-se como deveras inovador.

O seu livro constitui um manual no sentido pleno do termo, pois que os capítulos se escalonam de forma assaz didáctica e mui compreensível.

Assim, sob o título «Análise e síntese», explica-se como deve fazer-se a edição de textos epigráficos (capítulo 1) e os capítulos seguintes são: «inscrições funerárias», «títulos imperiais», «cursus senatoriais», «cursus equestres e a sua fusão com as carreiras senatoriais no século IV», «cursus municipais», «inscrições religiosas» e «documentos públicos». A 2ª parte, «documentos e métodos», traz o exemplo do estudo de seis inscrições, para, numa 3ª parte, se apresentar, sob o título «siglas e instrumentos de trabalho»: um rol das 'abreviaturas mais usuais'; a lista dos imperadores desde o século I ao IV, indicando de cada um os elementos

essenciais da nomenclatura imperial que habitualmente constam nas inscrições; as funções e títulos senatoriais; as funções e títulos equestres; e a identificação das legiões antes e depois de Diocleciano. Bibliografia, lista de inscrições citadas (referências de *corpora* em siglas) e ‘índice de palavras’ completam o volume, que tem, como se disse, apêndice da responsabilidade do tradutor.

A bibliografia final é extremamente sumária, sem a preocupação de se dar uma ideia alargada do que há publicado. Por exemplo, no âmbito dos *corpora* regionais, citam-se 12, na sua maioria da 1ª metade do século XX e relacionados de modo especial com a área de investigação francesa (Gálias e Norte de África). Anote-se, porém, que há algumas referências bibliográficas em cada capítulo, na rubrica «para saber mais».

De siglas e abreviaturas apresenta-se o essencial, nem sempre tendo em conta o que mais se nos depara nos monumentos epigráficos romanos, como é o caso de se desdobrar DMS por D(eo) M(ithrae) S(acrum) (2004: 234), quando o mais frequente é D(iis) M(anibus) S(acrum); o desdobramento de HMSEHNS (2004: 233) não pode ser h(oc) m(onumentum) s(ine) s(epulcro) e(st) h(eredem) n(on) s(equetur), primeiro porque o E está seguramente a mais, depois porque é s(ive) s(epulcrum).

Mais do que um manual didáctico, o livro de Paul Corbier dá a sensação de nos trazer... «apontamentos» de Epigrafia Latina.

## 2.2. Lassère

Jean-Marie Lassère desenvolveu também grande actividade na década de 70. Deve-se-lhe a primeira grande sistematização dos critérios para datação das inscrições da África romana (1973) e muito reflectiu sobre a população romana dessa África, reflexões cujos resultados consignou no que é, sem dúvida, a sua obra de vulto, *Ubique Populus*. Contudo, antes de se abalançar aos dois tomos a que vai fazer-se referência, importa dizer que se lhe deve – numa época em que a informática ainda não permitia as enormes facilidades de hoje – a elaboração dos índices gerais do *Année Épigraphique* de 1961 a 1980, volume que ainda hoje nos presta enormes serviços.

Por todo esse passado de investigação e de estudo, era de esperar de Lassère o tratado com que nos brindou (Figura 2). Não se trata, de facto, de um manual no verdadeiro sentido da palavra, ainda que, na apresentação, se indique que se destina «aux étudiants de licence et master». Na verdade, Lassère largamente ultrapassou o objectivo que se fixara: fazer o ponto dos avanços alcançados desde o tempo de Cagnat, no âmbito da disciplina epigráfica, «uma das maiores fontes para o estudo da História da Antiguidade». É que esses «mais de 500 textos, todos eles traduzidos e comentados», que integram os volumes, para além de mostrarem a enorme diversidade de informações que através deles se conseguem obter, constituem o exemplo acabado de uma investigação levada ao último pormenor.

JEAN-MARIE LASSÈRE

# MANUEL D'ÉPIGRAPHIE ROMAINE



*P*  
Picard

Figura 2

Ou seja, a Epigrafia é aqui tratada na sua qualidade ímpar de fecundo manancial. O indivíduo: identificação, estatuto e vida privada. A cidade, «*véritable matrice des sociétés de l'antiquité*», retratada como foi nas suas instituições e múltiplas actividades. O Estado e os seus mecanismos político-administrativos desde os prístinos tempos de uma República oligárquica até ao surgimento de um Império cristão: os seus alicerces militares, as leis, as íntimas cumplicidades com a religião oficial.

Da página 945 à 1102, que é onde começa o índice geral (de assuntos, entenda-se, de nada menos que 40 páginas!), temos 7 preciosos apêndices sobre: os fastos consulares (uma lista alfabética dos cônsules por gentílios e outra pelos *cognomina*), os títulos imperiais desde César a Justiniano, o rol das procuradorias equestres por ordem alfabética, o quadro das funções administrativas geralmente desempenhadas pelos libertos imperiais, um léxico dos termos institucionais gregos, as principais abreviaturas (38 páginas!) e as principais medidas.

Para se ter uma ideia do acervo documental carreado por Jean-Marie Lassère atente-se, a título de exemplo, no que designou «Section II – Le métier des armes» (2005: 745-843). É, no fundo, o exército passado à lupa, sob o olhar atento do epigrafista. Estudam-se as legiões da República e do Alto Império (composição, enquadramento, os legionários, os veteranos) e a vida quotidiana retratada através dos arquivos encontrados, dos objectos pessoais, dos regulamentos dos colégios, das dedicatórias às divindades. Depois, os corpos auxiliares (coortes, alas, os *numeri*, as *vexillationes...*), o porquê das suas designações, a passagem dos auxiliares à disponibilidade... E dois capítulos mais: um, de índole histórica propriamente dita, versando a evolução do exército desde Galieno a Diocleciano e o exército do Baixo-império; o último sobre a guarnição de Roma (coortes pretorianas, *equites singulares*, coortes urbanas, os *vigiles*). E, em apêndice, uma vista de olhos sobre a armada.

Dois volumes, portanto, que o epigrafista carece de ter sempre à mão! Uma obra que – ousa dizê-lo! – corresponde bem ao que nós desejávamos saísse da experiência de Hans-George Pflaum: saiu da tenacidade, do intenso labor e da longa experiência de Jean-Marie Lassère – e estamos-lhe muito gratos!

### 2.3. Um vademecum

Se terminei a apreciação da obra de Lassère classificando-a de vade-mécum, esse foi o título escolhido por dois catedráticos de História Antiga do país vizinho, José Manuel Iglesias Gil (Universidade de Cantábria) e Juan Santos Yanguas (Universidad del País Vasco) para disponibilizar em livro (com 2ª edição, revista e aumentada, em 2008), aos estudantes de História e Filologia Clássica porventura interessados na Epigrafia e na Numismática, «*un material claro y fácil de utilizar (...) com vistas a una mejor lectura y comprensión de los textos de las inscripciones y monedas como fuentes para la Historia Antigua*».

*Vademecum para la Epigrafia y Numismática Latinas* (Figura 3), se não fossem as suas 467 páginas, que significativamente o engrossam, poderia ser mesmo esse livro de bolso que se tem à mão para resolver uma dificuldade, na medida em que congrega num só livro o que, à partida, pensaríamos estar em vários. É que, além de mui completo rol de siglas e abreviaturas (por exemplo, recortaram do manual de Pedro Battle as páginas de siglas e de nexos), traz: um dicionário Latim-Espanhol aplicado; as listas (por ordem alfabética e por ordem cronológica) dos imperadores e dos cônsules; a classificação das províncias (por tipos e com indicação da categoria de quem as governava); o calendário romano; um glossário; bibliografia seleccionada; e rudimentos de gramática latina úteis para quem manuseia documentos epigráficos e monetários. Merece realce a bibliografia, porque traz a referência a manuais (31, no total), a dicionários específicos, às obras de consulta, às monografias e *corpora* utilizados, a revistas e publicações periódicas relativas à Epigrafia e à Numismática, aos instrumentos disponíveis na Internet (v. g., bases de dados), incluindo blogues e listas de distribuição.

Em suma, a obra cumpre o objectivo: apoio imprescindível para o estudante hispânico que queira dedicar-se a estes estudos deveras aliciantes.

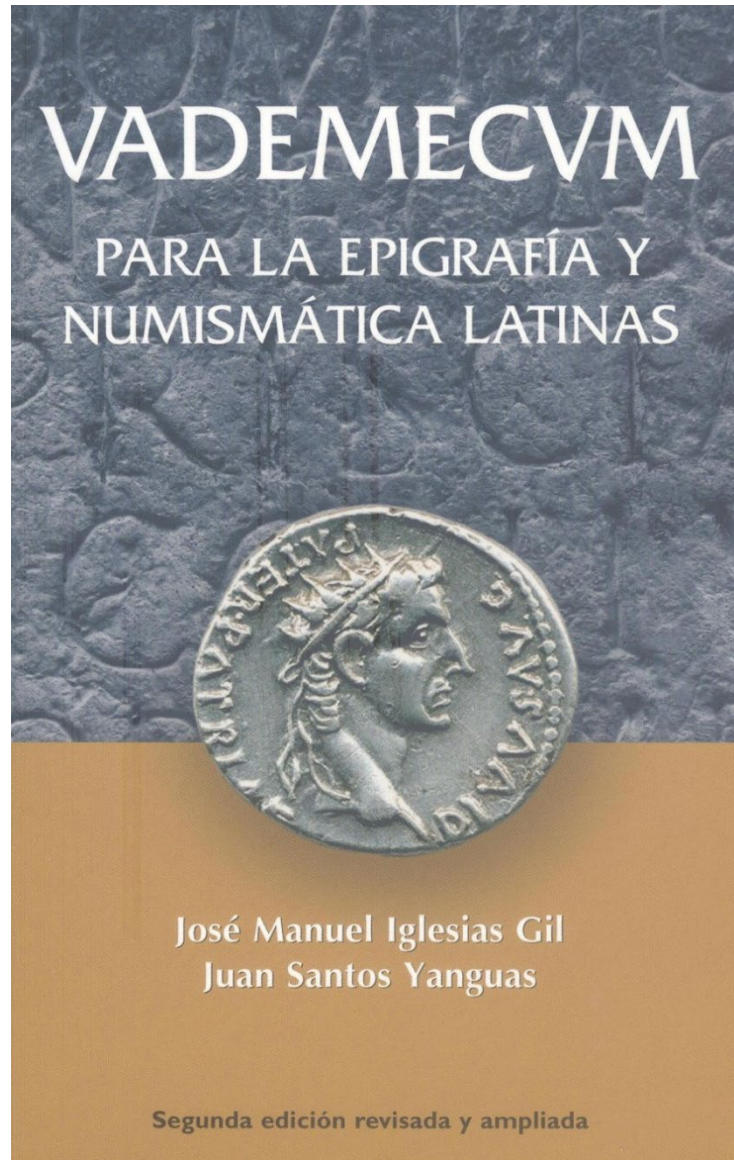


Figura 3

#### 2.4. A iniciativa da UNED e do ICAC

*Fundamentos de Epigrafía Latina* (Figura 4) é presentado como «fruto maduro» do 'proyecto Liceus', sob coordinación de Javier Andreu, docente da Universidad Nacional de Educación a Distancia. A edición teve também a colaboración do ICAC (Institut Català d'Arqueologia Clàssica) e o patrocínio da AIEGL (Associação Internacional de Epigrafia Grega e Latina).



Figura 4

Em «A modo de presentación», ‘prefácio’ assinado pelos professores e eminentes epigrafistas António Alvar (ligado ao projecto) e Isabel Rodà (pelo ICAC), faz-se referência à bibliografia existente sobre o tema em língua castelhana e afirma-se, por comparação, ser este «*un auténtico y actualizado manual de epigrafía latina en el que se integran y entrelazan los conceptos tradicionales de nuestra disciplina con los enfoques que se han ido incorporando, a partir sobre todo de los estudios señeros de G. C. Susini y de G. Alföldy*» (2009: XV). Não deixa também de ser sublinhado «*el extraordinario auge y la elevada calidad alcanzada por los estudios epigráficos latinos*», a justificar a necessidade, que a obra vem colmatar, de se dispor de «*un método de acercamiento eficaz, solvente, actualizado y profundo a ese complejo mundo*» (ibidem).

Quando se nos depara o índice, logo no início do volumoso livro (são quase 800 páginas!...), a primeira impressão – que certamente se desvanecerá por parte do seu utilizador à medida que se habituar – é que se trata de uma obra densa e cuidadosamente estruturada, a merecer (quicá numa futura edição) um outro olhar

gráfico que a torne de consulta mais aliciante, nomeadamente em relação ao tipo de letra escolhido; contudo, o receio inicial relativo a esse aspecto gráfico acaba por, de certo modo, também diminuir, ao verificar-se que se lograram ilustrações de boa legibilidade (o que é sempre um problema em obra deste teor).

Houve duas grandes preocupações: a de ser exaustivo e a de entregar os temas a quem sobre eles já tenha trabalhado bastante. Assim, estamos perante uma obra colectiva e de cada autor se explicita a sua ‘especialidade’: Javier Andreu Pintado, «*la vida municipal de las comunidades hispano-romanas y los hábitos auto-representativos de sus elites*»; Eva Tobalina Oraá, prosopografia senatorial alto-imperial e oligarquias romanas do Ocidente; Pablo Ozcáriz Gil, *instrumentum domesticum*; Ángel A. Jordán Lorenzo, o suporte epigráfico em relação com os «distintos grupos sociales hispanos» (9); e, finalmente, António Alvar Ezquerro, o decano do grupo, que, por ser catedrático de Filologia Latina, se incumbiu de perorar sobre a forma e a estrutura básica das inscrições latinas.

Obedece a obra a um plano lógico: depois de se abordarem as questões hermenêuticas («A Epigrafia como ciência»), em que já se adiantam sugestões quanto ao modo de se publicarem as epígrafes, faz-se uma «introdução à Epigrafia Latina»: o suporte, a escrita, a ‘produção’ (relacionando desde logo a epígrafe com a ‘paisagem’ a que se destina), a onomástica, o *cursus honorum*, os títulos dos imperadores, a prosopografia. A 3ª parte abre com a referida contribuição de António Alvar e apresenta os tipos ‘clássicos’ de inscrições latinas: funerárias, honoríficas, monumentais, votivas, jurídicas, terminando pelo chamado *instrumentum domesticum* e *inscriptum* e pelas inscrições em suportes e em objectos diversos. Em apêndices, os *corpora* do Ocidente, o quadro dos *cursus honorum* senatorial e equestre e uma selecção de abreviaturas. Por fim, índices analíticos: toponímico, de fontes, antroponímico e das divindades referenciadas ao longo do texto.

Agrada-me naturalmente saber que posso ter incentivado, com o meu magistério conimbricense, o despertar de Javier Andreu para o importante papel que os estudos epigráficos desempenham no âmbito do estudo da História em geral e, designadamente, da História Antiga. Proporcionam estes *Fundamentos* excelente contributo nesse sentido.

### 3. O Estudo de uma Epígrafe

Se o objecto de estudo é um monumento epigráfico já estudado, há que ter em conta o objectivo da análise. Por que razão eu quero reexaminá-lo? E para atingir esse fim, de que meios hei-de lançar mão, que perguntas tenho de fazer?

Amiúde insisto (com Sir Fred Houyle) na ideia de que, na investigação, «as respostas não são importantes, as perguntas é que o são». E será, pois, de acordo com as perguntas que o nosso contributo para a compreensão de uma epígrafe já estudada se deve nortear.

Quando, ao invés, deparamos com um monumento epigráfico inédito, a nossa primeira preocupação será descrevê-lo o mais exaustivamente possível para que, se desaparecesse no momento seguinte, mesmo que dele houvéssemos tirado

excelentes fotografias, a nossa descrição fosse suficientemente explícita para que dele viesse a fazer-se uma cópia fiel.

Cometeria, quiçá, uma heresia se ousasse aplicar aqui o questionário a que o jornalista deve responder ao relatar um acontecimento: o quê, quem, quando, porquê, como e onde? Não será exactamente essa a ordem pretendida, mas idênticas questões se hão-de pôr: onde foi encontrado o monumento? Em que circunstâncias? Que forma tem? De que material é o suporte? Que elementos concretos há a realçar na sua forma e/ou decoração? Que dimensões há a reter? Que dizeres ostenta? Como são as letras? E este espaçamento mais largo quer dizer que o letreiro estava lá no alto ou foi pensado para o lermos à altura do nosso olhar?...

O contexto (físico e temporal) do achamento pode trazer-nos logo informações preciosas. E se nos preocupamos em dar as medidas das letras, linha a linha, e, até, dos espaços interlineares, é, por exemplo, porque tal informação nos permitirá ajuizar do contexto original para que o monumento foi pensado.

É exercício de curioso, dir-se-á. Sim, mas não é a História a ciência da curiosidade? Porque haveremos de querer saber como se chamava a divindade aqui honrada e se o dedicante do seu altar foi um indígena, um cidadão, um liberto ou um escravo? Aliás, porque nos despertam curiosidade os grafitos que hoje pululam pelas nossas cidades? Porventura, radica aí a nossa vontade de nos sentirmos mais humanos, irmanados com os outros humanos que, há dois mil anos atrás, como nós amavam, choraram os entes queridos, se agarravam aos deuses numa aflição...

Uma Humanidade em que, afinal, temos consciência de um passado e de um presente, mas, ao «fazer história» como «ao estudar uma epígrafe», perdemos a noção do tempo e assim nos sentimos melhor, porque passado, futuro e presente se co-envolvem no instante que estamos a viver. Não escreviam os Romanos nos epitáfios aqui jaz, que a terra te seja leve? E até mencionavam a idade, como se aquele defunto ali continuasse eternamente com a idade em que a morte a viera buscar! Um presente... eterno! Daí, esse revolver de vidas passadas, se foi o amante que lhe erigiu o túmulo ou se a piedade filial, se pela saúde de alguém se venerava Endovélico, se aquele político notável comprou os votos com aliciantes promessas eleitorais... Tudo isso, porque, queira-se ou não, se faz mesmo nosso presente, nos interessa – como historiadores e, fundamentalmente, como Homens, elos de uma cadeia de sentimentos!...

Agora, se, no desdobramento de siglas e abreviaturas e na apresentação da nossa leitura interpretada, vamos usar maiúsculas ou minúsculas, pontos por baixo das letras duvidosas; se pomos o texto corrido ou o reproduzimos em obediência às linhas... são questões de somenos. Importa é que se siga uma regra que tenha razão de ser e se mantenha, a fim de nos entendermos. Temos dúvidas? Quem há aí que as não tenha? Explicitemo-las e apresentemos argumentos. Que passaram muitos anos já; o que imaginamos, com base nos dados de que dispomos, pode muito bem não ter sido assim, porque outros dados ainda se encontram ocultos...

E bem razão tem sempre António Machado ao proclamar «*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*» (10)! E epigrafistas conscientes o não seremos se dessa relatividade do conhecimento não estivermos plenamente conscientes, no nosso labor.



## NOTAS

<sup>1.</sup> Para aligeirar a leitura, entendida como foi esta nota mais em jeito de ensaio do que de teor rigorosamente científico, optou-se por incluir na bibliografia final as referências completas às obras citadas, limitando ao essencial o que se indica no corpo do texto.

<sup>2.</sup> Daí a sábia análise apresentada em «*Compitare per via...*»; daí que Angela Donati não tenha hesitado em dar como subtítulo ao seu livro de síntese sobre a Epigrafia «*La comunicazione nell'antichità*».

<sup>3.</sup> Veja-se a comunicação que apresentou ao referido congresso de Contantza (publicada na revista *Conimbriga* de 1977), onde se apontava, inclusive, um inovador «modelo» de apresentação das leituras que viria a concretizar-se. É no âmbito desse projecto que se publicam, por exemplo, os cinco volumes de *Inscriptions Romaines de Catalogne* e outros que se lhes seguiram.

<sup>4.</sup> Fui sempre dando conhecimento dessas edições em capítulo específico da bibliografia das sucessivas edições do manual adiante referido. A actualização mais recente – já desactualizada, porém – data de 2010.

<sup>5.</sup> Um dos meus antecessores na leccionação da cadeira, o Padre Avelino de Jesus da Costa sentira também essa necessidade e editou, policopiada, a respectiva sebenta: *Apontamentos de Epigrafia* (1956, <sup>21972</sup>) – cf. Encarnação 2011.

<sup>6.</sup> Em *Espacio, Tiempo y Forma* 19-20 (2002-2007) p. 553-556.

<sup>7.</sup> Além destes, não são de menor interesse os que ficam a dever-se à iniciativa de Lawrence Keppie (1991), de Bernard Rémy e F. Kayser (1999), de Manfred Gerhard Schmidt (2004), de Mireille Cébeillac-Gervasoni et alii (2006), de Alfredo Buonopane (2009) e de Cooley (2012) – a avolumar um número que comprova cabalmente o que se afirmou acerca da vitalidade da Epigrafia. Creio que poucas disciplinas científicas gozarão deste privilégio.

<sup>8.</sup> Também em Granada se fez reedição, em 2005.

<sup>9.</sup> Aproveite-se o ensejo para informar que Ángel A. Jordán acaba de publicar (Maio de 2014) o livro, citado na bibliografia, que utiliza fundamentalmente as fontes epigráficas romanas peninsulares para traçar uma panorâmica da sociedade e da política: «o imperador na epigrafia hispana», «primi ordines», «elite local», «ingenui, liberti, servi» são os temas abordados.

<sup>10.</sup> MACHADO (Antonio), *Poesias completas. Selecciones Austral*. Espasa-Calpe, Madrid, 1984, p. 223.

## BIBLIOGRAFIA

ANDREU, J. [coord.] (2009) – *Fundamentos de Epigrafía Latina*. Madrid: Liceus.

BARROCA, M. J. (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- BATTLE HUGUET, P. (1946) – *Epigrafía Latina*. Barcelona: Instituto «Antonio de Nebrija».
- BLOCH, R. (1964) – *L'Épigraphie Latine*. Paris: PUF, 3ª edição.
- BUONOPANE, A. (2009) – *Manuale di Epigrafia Latina*. Roma: Carocci editore. [Recensão de Marc Mayer (2010) – *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Volume VIII, p. 201-202].
- CAGNAT, R. (1914) – *Cours d'Épigraphie Latine*. Paris: E. Thorin, 4ª edição.
- CÉBEILLAC-GERVASONI, M.; CALDELLI, M. L.; ZEVI, F. (2006) – *Épigraphie Latine*. Saint Just La Pendue: Armand Colin.
- COOLEY, A. E. (2012) – *The Cambridge Manual of Latin Epigraphy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORBIER, P., (2004) – *Epigrafía Latina*. Granada: Universidad. [Tradução de Mauricio Pastor Muñoz].
- DONATI, A. (2004) – *Epigrafia Romana: La Comunicazione nell'Antichità*. Bolonha: Il Mulino. [Recensão em: (2004) – *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7, nº 1, p. 672-673].
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1988) – Ficheiro Epigráfico – uma experiência em curso em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nº 27, p. 245-247.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2010) – *Epigrafia – As Pedras que Falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1ª edição 2006, 2ª edição 2010.
- ÉTIENNE, R., (1977) – Le Centre Pierre Paris (ERA 522) et la révision des inscriptions grecques et latines de la Péninsule Ibérique. *Conimbriga*. Coimbra: volume 16, p. 83-88.
- ÉTIENNE, R.; FABRE, G.; LÉVÊQUE, P. et M. (1976) – *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris: De Boccard.
- IGLÉSIAS GIL, J. M.; SANTOS YANGUAS, J. (2008) – *Vademecum para la Epigrafia y Numismática Latinas*. Santander: edição dos autores, 2ª edição.
- JORDÁN, Á. A. (2014) – *Concepto y Uso del Monumento Epigráfico en la Hispania Romana durante el Principado*. Madrid – Salamanca: Signifer Libros.
- KEPPIE, L. (1991) – *Understanding Roman Inscriptions*. Londres: Routledge.
- LASSÈRE, J.-M. (1973) – Recherches sur la chronologie des épitaphes païennes de l'Afrique. *Antiquités Africaines*: Paris. Nº 7, p. 7-152.
- LASSÈRE, J.-M. (1977) – *Ubique populus: peuplement et mouvements de population dans l'Afrique romaine de la chute de Carthage à la fin de la dynastie des Sévères (146 a. C.-235 p. C.)*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- LASSÈRE, J.-M. (2005) – *Manuel d'Épigraphie Romaine*. Paris: Picard, 2ª edição em 2007.
- LÓPEZ BARJA, P. (1993) – *Epigrafía Latina (Las Inscripciones Romanas desde los Orígenes al Siglo III d. C.)*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións. [Recensão em:

(1993-1994) – *Conimbriga*. Nº 32-33, p. 421-423].

RÉMY, B.; KAYSER, F. (1999) – *Initiation à l'Épigraphie Grecque et Latine*. Paris: Ellipses Marketing.

SCHMIDT, M. G. (2011) – *Einführung in die Lateinisch Epigraphik*. Darmstad: Auflage, 2ª edição.

SUSINI, G. C. (1966) – *Il Lapidario Romano – Introduzione all'Epigrafia Latina*. Roma: L'Erma di Bretschneider. [Inserido na recolha de textos do autor (1997) – *Epigraphica Dilapidata*. Faenza: Fratelli Lega, p. 7-69, de que fiz recensão (1998) – *Conimbriga*. Nº 37, p. 282-284].

SUSINI, G. C. (1982) – *Epigrafia Romana*. Roma: Jouvence.

SUSINI G. C., (1988) – *Compitare per via*. Antropologia del lettore antico: meglio, del lettore romano. *Alma Mater Studiorum*. Bologna: [s.n.]. I, 1, p. 105-115.

## DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

ENCARNAÇÃO, J. d' (1979-2013) – *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 1ª edição 1979, 2ª edição 1987 [60 p.], 3ª edição 1997, 4ª edição 2013 (em formato digital). Disponível em [www: <URL: http://www.uc.pt/fluc/iaraq/pub\\_online/pdfs\\_online/2013\\_Epigrafia>](http://www.uc.pt/fluc/iaraq/pub_online/pdfs_online/2013_Epigrafia).

ENCARNAÇÃO, J. d' (1988) – *Epigrafia em Portugal, ciência antiga, rumos novos*. *Arqueologia*. Porto. Nº 17, Junho 1988, p. 204-207. Inserido também em (2010) – *Epigrafia – As Pedras que Falam*. p. 44-54. Disponível em [www: <URL: http://hdl.handle.net/10316/26253>](http://hdl.handle.net/10316/26253).

ENCARNAÇÃO, J. d' (2011) – *A disciplina de Epigrafia na Faculdade de Letras de Coimbra*. *Biblos*: Coimbra: [n. s.], volume IX, p. 109-123. Disponível em [www: <URL: http://hdl.handle.net/10316/18325>](http://hdl.handle.net/10316/18325).

# EPIGRAPHY AS A SCIENCE

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras  
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
jde@fl.uc.pt

# Epigraphy as a Science

José d'Encarnaçã

Article received: 2014-07-28;

Article received in revised form: 2014-08-31;

Article accepted: 2014-09-09.

## ABSTRACT

Is Epigraphy a science? - That's the question we answer. Epigraphy has just a subject, an own methodology and an objective purpose. A look to the most recent epigraphic handbooks edited is done. How to study an epigraphic monument? Like a cultural monument: with all the elements it gives to a good historic investigation.

**Key-words:** Epigraphy.

## 1. Epigraphy as a Concept

There is today a general consensus about the extension of the concept of "science". The so-called 'scientific' research is not limited to the quest for quantification rules and the setting of a rigid cause/effect determinism. The vast field of Social and Human Sciences, within which History falls, is today widely accepted.

But most importantly there are three points to remember: in order to establish itself as a science, a discipline must have a specific **activity domain**, a well-defined **goal** and a **method** of its own.

Epigraphy is the study of inscriptions on 'durable' material. This definition is no doubt based on a restrictive view. It is understandable, therefore, that Mário Jorge Barroca has dedicated the first chapter of his doctoral dissertation (2000: 5-33) to the analysis of the "concepts of epigraph and epigraphy", pointing out that it is not enough to stick to the criteria of durability and dissemination because the epigraphic science goes much further than that:

*"It must explore all external aspects of documents, systematising them and extracting from them all the information which, beyond the obvious and clear message contained in the text, can contribute to History"* (2000: 33).

It is true that we let ourselves be seduced by René Cagnat's definition: *"Epigraphy, the science of inscriptions"* (1914: XIII). Raymond Bloch would later clarify (1964: 5), saying that considering the meaning of the Greek word ἐπιγραφή – from which the term "epigraphy" ('on-writing') was first derived (1845), the support material was in fact its distinctive character: *"une matière durable, pierre, terre-cuite, metal, verre, os, stuc, mosaïque"*. However, it is significant to note that Raymond Bloch could have put a colon after 'durable', meaning that he would next give examples. But he wouldn't and, on the other hand, he did not use ellipses after

*‘mosaïque’ as if the list just ended there” – and it did.*

In one of the most recent manuals of epigraphy, coordinated by Javier Andreu (2009), Lassère’s definition (2005: 4) is considered valid, based on its object:

*“La Epigrafía Latina, por tanto, ha de ocuparse de “leer, completar, interpretar y datar las inscripciones””.*

The starting point is, therefore, something tangible, i.e. an inscribed document. The interpretation of its content and its spatial and temporal integration is a crucial task to be able to use it as a historical source. Hence, for some time, Epigraphy (like Numismatics, Heraldry, Palaeography ...) has been considered an “auxiliary science” of history. It is, in fact, an auxiliary science if we consider that history also builds on those documents, but the term auxiliary cannot be connoted with... ‘subordination’!

Indeed, also the abovementioned disciplines ‘feed on’ Epigraphy as they also deal with inscriptions: we wouldn’t understand a coin without the text specifying the value and the date; in Heraldry emblems are inscriptions; Palaeography deals with the external elements of a written text and, therefore, epigraphs constitute a privileged field of analysis...

In this respect, vol. II of *Fouilles de Conimbriga* seems to point to a new form of looking at epigraphs: as an archaeological document. No wonder, because the context of the publication was archaeology and epigraphers had on-the-spot experience: an inscription was found... and it was necessary to find out where it had been, why and what for. That’s why the careful description of the object and the context in which it was found has assumed critical importance. And this leads us to spatial integration, an issue particularly dear to Robert Étienne.

The focus on spatial integration is owed to the fondly-remembered Giancarlo Susini, my great Master after D. Fernando de Almeida and Étienne. Susini concerned himself with shape. His *Il Lapidario Romano* is the first and great perspective on the ‘birth’ of an epigraph, which reminds this passage by the immortal Father António Vieira: *“The statue-maker rips off a stone from these mountains – a crude, gross, hard, shapeless stone; and after a rough trim, he grabs chisel and mallet and starts to carve a man (...)”*. This is not about sculpture; however the process is identical: this is not about ‘carving a man’ but about creating a text on the “rough” surface softened up with chisel and mallet preparing the proper ‘ground’ to receive an epigraph. The statue-maker knew how to sculpt and how he should do it; the stone-cutter knew all the secrets of the support material and how he should engrave the message on it. But **shape** leads to **function**: communicate – in the present day and in the future (2).

Therefore, I have always been fascinated by the ‘definition’ that emerges, not exactly in these words, from Susini’s reflections that he masterfully put forward in 1982:

*“Epigraphy is the science that studies how mankind has, at a particular time, selected ideas to be transmitted to future generations”.*

An epigraph is a synthetic message, thought in every detail, in a given moment, intended to be read and... to endure! An epigraphist should, therefore, read it thoroughly being attentive to explicit and implicit details (sometimes the latter are more important!...) and, based on them, write history because he has

– and that is his privilege – a genuine document, exactly as it has come out of the hands of its creator thousands of years ago. Could it be a copy? And what is the problem? A copy also had its motivations, its time, and it is also... a document!

Consequently, we ended up not giving too much weight to the support material as the defining criterion for the discipline: we favour the ‘lapidary’, laconic, meaningful character of every word painstakingly chosen (one could say), and above all what we want is to get to the man behind it, what he wanted to tell us, what image he really wanted to convey!

## 2. The Manuals

I have already had the chance to tell how, in 1977, during the VII Congrès International d’Épigraphie Grecque et Latine held in Constanza, Romania (09-15.09.1977), we urged Hans-George Pflaum (who was already 75 years old) to write a manual to replace the fourth edition, 1914, by René Cagnat. Pflaum resisted saying that (if I recall correctly), to overcome Cagnat he still had a lot to learn!

From 1975-1976 onwards, I had the privilege to teach the annual course Latin Epigraphy as part of the curriculum of the Pre-specialisation in Archaeology from the Faculty of Arts of Coimbra. Until then, Epigraphy was – when it was the case – included in the university curricula as a one-semester course. This circumstance gave me the chance to rethink the fundamentals of this science for teaching purposes, also driven by three crucial factors:

- the pioneering nature of the said corpus of the inscriptions from Conimbriga;
- the great commitment of the Centre Pierre Paris, notably Robert Étienne, in starting editing *Peninsular corpora* (3);

- the enormous thrill generated by those epigraphic documents amongst the Spanish provinces, which was not oblivious to the simultaneous thriving of universities; with every Diputación Provincial having fully supported the publication proposals (4).

The manual *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina* (1979) was released as a result of that and was the first attempt to provide to the Portuguese public the basics of epigraphy and sensitise students to its study (5). It worked. First, because the discipline began to generate even more enthusiasm; then, because, following the publication of the manual, numerous finds have been made that were immediately published in the journal *Conimbriga*, and, from 1982, in *Ficheiro Epigráfico*, which was expressly created to provide for so many newly-discovered monuments (Encarnação, 1988).

It must be remembered that, at that time, apart from the classic Cagnat and the abovementioned book by Raymond Bloch, in the Iberian Peninsula there was only Pedro Battle’s work, only available in libraries due to its rarity. This manual was therefore meant for the Peninsula and was intended to be a practical, simple guide book; successive editions have been updated in the literature and also by including illustrative cases. Considering the high demand of this work, it was decided late in 2013 to re-launch the third edition (1997) as the fourth edition, now in digital

format and including an introductory note.

Expanding the information contained therein – preferably taking into account the Peninsular university sphere – and also because the aim was to broaden the scope of this manual with additional texts that would demonstrate the importance of epigraphic monuments as historical source to all areas and in all times, the Press of the University of Coimbra published *Epigrafia – As Pedras que Falam* (first edition, May 2006; second edition revised and expanded, March 2010), of which Javier Andreu Pintado has kindly prepared a critical review and to which I of course refer (6).

I think I can say that the work published in the distant year of 1979 has born abundant fruit. And more manuals would follow, especially in the early years of the twenty-first century. In 1984, I focussed on *Epigrafia Romana* by Giancarlo Susini; in 1993-1994 on López Barja's book; and in 2004 on *Epigrafia Romana* by Angela Donati. With regard to some of the manuals that have in the meantime been published, some considerations may now be made (7) in the hope that this overview on epigraphic studies in Western Europe serves, not only to show that we are proud of having been pioneers in this matter, but also – and especially – to highlight the growing interest that this scientific domain has been generating.

## 2.1. Paul Corbier

Mauricio Pastor Muñoz, professor of Ancient History at the University of Granada, took the initiative to translate a book by Paul Corbier (Figure 1), which was published by the university as a manual of epigraphy. He added an appendix (2004: 279-292) with examples of Grenadian inscriptions. Nothing is mentioned about the original edition, but I can add that the second edition, in French, was made in 2006 by Armand Colin (Paris) (8).

Figure 1.

Paul Corbier has been linked to the creation, in the mid-70s of last century, of the SYCIL (Système automatisé de consultation d'un corpus d'inscriptions latines). At a time in which computerised corpora took the first steps, this system appeared to be as truly innovative.

It is a textbook in the true sense of the word since the chapters are organised in a clear, pedagogical manner.

Under the heading "Analysis and Synthesis" he explains how to edit epigraphic texts (chapter 1) and proceeds with: "funerary inscriptions", "imperial titles", "senatorial cursus", "equestrian cursus and its merger with senatorial careers in the fourth century", "municipal cursus", "religious inscriptions" and "public documents". Part II, "documents and methods", contains the study of six inscriptions, and Part III presents, under the heading "acronyms and working tools", a list of all



the emperors between the first and the fourth century indicating for each of them the main elements of imperial nomenclature adopted for inscriptions, senatorial functions and titles; equestrian functions and titles and the identification of the legions before and after Diocletian. The bibliography, the list of cited inscriptions (references to *corpora* within acronyms) and 'word index' complete the book, which contains, as abovementioned, an appendix by the translator.

The bibliography is extremely brief, without being exhaustive about the material already published. For example, in what concerns regional *corpora* 12 items are mentioned, mostly from the first half of the twentieth century and especially related to the French research area (Gallia and Northern Africa). It should be noted, however, that each chapter contains some bibliographic references under the heading "to learn more".

Only the essential information about acronyms and abbreviations is provided, not always taking into account the particularities of Roman epigraphic monuments, as for example translating DMS into D(eo) M(ithrae) S(acrum) (2004: 234), whereas D(iis) M(anibus) S(acrum) is most common; the meaning of HMSSEHNS (2004: 233) cannot be h(oc) m(onumentum) s(ine) s(epulcro) e(st) h(eredem) n(on) s(equetur) first of all because the letter E does not, for sure, belong there and also because it is s(ive) s(epulcrum).

More than a textbook, Paul Corbier's book seems to contain... "handouts" of Latin Epigraphy.

## 2.2. Lassère

Jean-Marie Lassère also was very active in the 70s. To him is owed the first deep systematisation of criteria for dating inscriptions from Roman Africa (1973) and a profound reflection about the Roman population of Africa, the results of which he has described in his *Ubique Populus*, which is undoubtedly his major work. However, before focusing on the two volumes mentioned hereinafter, it should be noted that to him is also owed, in an era without computers, the preparation of the general indices included in the *Année Épigraphique* (1961 to 1980), a publication that is of utmost utility even today.

Considering his long history of research and study, Lassère's compendium was to be expected (Figure 2). It is not, in fact, a textbook in the true sense of the word, although he notes in the introduction that it is intended for "(les) étudiants de licence et master". Actually, Lassère largely exceeded the initial goal: make an overview of the achievements since the time of Cagnat in the discipline of epigraphy – "one of the largest sources for the study of Ancient History". The truth is that those "over 500 texts, all translated and commented" included in the volumes, not only reflect the enormous diversity of information compiled but also the thorough investigation carried out.

Figure 2.

Epigraphy is here dealt with respecting its unique nature as an invaluable repository. The individual: identification, status and private life. The city – “*véritable matrice des sociétés de l’antiquité*” – as it was portrayed in its institutions and multiple activities. The State and its political-administrative mechanisms since the old times of an oligarchic Republic to the emergence of a Christian Empire: its military foundations, laws and intimate complicity with the official religion.

From page 945 to 1102, i.e. where the general index begins (a subject index, with no less than 40 pages, it should be noted!...), there are 7 precious appendices on consuls (an alphabetic list of consuls by family name and another by *cognomina*), the imperial titles from Cesar to Justinian, a list containing equestrian inspectorates by alphabetical order, a table of the administrative functions performed by imperial freedmen, a lexicon of Greek institutional terms, the main abbreviations (38 pages!) and the main measures.

To get an idea of the documentary repository provided by Jean-Marie Lassère look, for example, at what he called “Section II – Le métier des armes” (2005: 745-843). This is actually about the scrutiny of the army under the watchful eye of the epigraphist. The legions of the Republic and the High Empire (composition, context, the legionaries, the veterans) are scrutinised and the day-to-day lifestyle portrayed through recovered archives, personal items, college regulations and dedications to deities. Then, the auxiliary units (cohorts, *alae*, *numeri* and *vexillationes*...), the reason for their designations, the assignment to non-active status... And two more chapters: one, merely historical, on the evolution of the army from Gallienus to Diocletian and the Bass-Empire army; and the other on the garrison of Rome (Praetorian cohorts, *equites singulares*, urban cohorts and *vigiles*). And, as an appendix, an overview of the navy.

Two volumes therefore that an epigraphist should always have on hand! A work that – I dare say! – corresponds pretty well to what we could expect from Hans-George Pflaum’s experience: but it was born from the tenacity, the hard work and long-lasting experience from Jean-Marie Lassère – and we are extremely grateful to him!

### 2.3. A vademecum

I completed my appreciation of Lassère’s work by calling it vademecum because this was the title chosen by two Spanish professors of Ancient History, José Manuel Iglesias Gil (University of Cantabria) and Juan Santos Yanguas (Universidad del País Vasco), to provide the students of History and Classical Philology interested in Epigraphy and Numismatics with a publication (second edition, revised and enlarged in 2008) that was “un material claro y fácil de utilizar [...] com vistas a una mejor lectura y comprensión de los textos de las inscripciones y monedas como fuentes para la Historia Antigua”.

If it were not for its 467 pages which make it too thick, the *Vademecum para la Epigrafía y Numismática Latinas* (Figure 3) could be the pocket book that is always on hand for rapid consultation, as it gathers in one book enough material

for several volumes. Besides a complete list of acronyms and abbreviations (for example, the pages with acronyms and links in Pedro Battle's manual have been fully reproduced), it includes a practical Latin-Spanish dictionary; the lists (in alphabetical and chronological order) of emperors and consuls; the classification of provinces (by type and category of who governed them); the Roman calendar; a glossary; selected bibliography and basics of Latin grammar of utility for those dealing with epigraphic and monetary documents. The bibliography deserves special mention because it includes reference to manuals (31 in total), specific dictionaries, reference works, monographs and *corpora*, scientific magazines and journals on epigraphy and numismatics, on-line material (e.g. databases), including blogs and mailing lists.

In short, the work fulfils its aim: an invaluable support for Hispanic students who want to dedicate themselves to this fascinating research.

Figure 3.

#### 2.4. The UNED's and ICAC's initiative

*Fundamentos de Epigrafía Latina* (Figure 4) is presented as "ripe fruit" of proyecto Lyceus coordinated by Javier Andreu, professor at Universidad Nacional de Educación a Distancia. The edition also had the collaboration of the ICAC (Institut Català d'Arqueologia Clàssica) and was sponsored by AIEGL (Association Internationale d'ÉPIGRAPHIE GRECQUE ET LATINE).

Figure 4.

In "A modo de presentación" – preface signed by eminent professors and epigraphists Antonio Alvar (project participant) and Isabel Rodà (from ICAC) – reference is made to the existing literature on the subject in Spanish language and it is claimed, by way of comparison, that this is "*un auténtico y actualizado manual de epigrafía latina en el que se integran y entrelazan los conceptos tradicionales de nuestra disciplina con los enfoques que se han ido incorporando, a partir sobre todo de los estudios señeros de G. C. Susini y de G. Alföldy*" (2009: XV). And "el extraordinario auge y la elevada calidad alcanzada por los estudios epigráficos latinos" must also be stressed since it meets the need for devising "un método de acercamiento eficaz, solvente, actualizado y profundo a ese complejo mundo" (ibidem).

When we come across the index, right at the beginning of the voluminous book (of almost 800 pages!...), our first impression – which usually fades away as the reader gets used to it – is that this is a dense, well-structured piece of literature that deserves (perhaps in a future edition) a different graphic look that makes it more attractive, e.g. a different character font. However, the initial fear concerning this graphic aspect somewhat eventually diminishes when we notice the good legibility of illustrations (which is always a problem in this kind of works).

There have been two major concerns: to be exhaustive and to assign the

topics to renowned scholars. This is thus a collective work where each author contributes in its area of 'specialty': Javier Andreu Pintado, *La vida municipal de las comunidades hispano-romanas y los hábitos auto-representativos de sus elites*; Eva Tobalina Oraá, *Prosopografía senatorial altoimperial y oligarquias romanas del Occidente*; Pablo Ozcáriz Gil, *Instrumentum domesticum*; Ángel A. Jordán Lorenzo, the epigraphic support relative to "distintos grupos sociales hispanos" (9); and at last António Alvar Ezquerro, the oldest member of the group and a senior lecturer of Latin Philology, contributed with the basic shape and structure of Latin inscriptions.

The work is organised around a logical structure: after focusing on hermetic issues ("Epigraphy as a science") where suggestions are made about how to publish epigraphs, an introduction to Latin epigraphy is provided: the support, the writing, the production (relating the epigraph with the intended landscape from the outset), the onomastics, the *cursus honorum*, the emperor titles, the prosopography. Part III opens with the said contribution of Antonio Alvar and presents the 'classical' types of Latin inscriptions: funerary, honorific, monumental, votive, legal, ending with the so-called *instrumentum domesticum* and *inscriptum* and inscriptions on different supports and objects. The appendices include the Western *corpora*, the table for senatorial and equestrian *cursus honorum* and a selection of abbreviations. Finally, the tables of contents: topographical, anthropological, and a list of deities cited throughout the text.

I am pleased to know that, with my teaching and research activities in the University of Coimbra, I might have contributed to sensitise Javier Andreu to the important role of epigraphic studies for History in general and Ancient History in particular. *Fundamentos de Epigrafia Latina* constitutes an excellent contribution in this regard.

### 3. The Study of an Epigraph

If we are to research on a previously studied epigraphic monument, it is necessary to take the purpose of the analysis into account. Why do I want to re-examine it? And to achieve this purpose, what resources should I use, what questions should I ask?

I often insist (with Sir Fred Houyle) on the idea that as for research "what matters are the questions and not the answers". And therefore, it is by the questions that our contribution for the understanding of a previously studied epigraph should be governed.

Whereas when we come across an unpublished epigraphic monument, our first concern is to describe it as thoroughly as possible so that, if it disappears soon after, a true copy of it may be made based on our description, even though we might have taken excellent photos of it.

I would, perhaps, commit heresy if I dared apply here the six basic questions a journalist must answer when reporting an event: what, who, when, why, how and where? The order might not be exactly this one but similar questions will certainly arise: where has the monument been found? Under what circumstances? What is its shape? What material is the support made of? Are there any special character-

istics in its shape and/or decoration? What are its dimensions? What is written on it? What do the letters look like? And this wider spacing means that the epigraph was there on the top or was meant to be read at high-level height?...

The context (physical and temporal) of the find may itself provide precious information. And if we are concerned with providing the font size, line spacing and even interlinear spacing is because this information will help us understand the original context for which the monument was intended.

One might say that this is an exercise of a curious mind. Yes, but isn't history the science of curiosity? Why should we want to know who is the deity honoured here and if the altar was dedicated to her by a native, a citizen, a freedman or a slave? Also, why are we curious about the graffiti that are nowadays spread across our towns? Perhaps because we want to feel more human, more united with the humans who two thousand years ago, just like us, used to love, mourn their beloved ones, appeal to their Gods for protection...

In sum, a humanity that is aware of past and present, but while "making history" such as "studying an epigraph", loses track of time and feels better because past, present and future intertwine with present lives. Didn't the Romans write on epitaphs *hic situs est* and *sit tibi terra levis*? And they even mentioned age as if the deceased would stay there forever with the same age as when they died! An... eternal gift! Hence this desire to stir up past history, to know if it was the deceased's lover who ordered the tomb or if it was ordered by his/her children out of pity, if Endovelicus was venerated for the sake of someone's health, if that remarkable politician has bought votes with attractive electoral promises... All that because, like it or not, this is very actual and interests us – as historians and primarily as Men, as links in a chain of feelings!...

Now if, when decoding acronyms and abbreviations and presenting our interpretation of them, we decide to use capital or small letters or dots underneath doubtful letters, if we use running or non-running text... are minor issues. What is important is to follow a valid rule and to maintain it, if we are to understand each other. Do we have doubts? Is there anyone who has no doubts at all? Let us explain them and give the reasons therefore. Many years have passed; what we figured out based on available data might well not have been like that because some data still remain unrevealed...

And António Machado is very right when he says "*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*" (10)! And we will only be fully conscious epigraphists if, in the exercise of our profession, we are aware of that relativity of knowledge.

## NOTES

<sup>1</sup>. To ease the reading, and taking this paper as a reflection rather than as a scientific remark, we chose to include in the bibliography full reference to the works cited, limiting the references in the body of the text to the essential.

<sup>2</sup> Hence the judicious analysis given in *Compitare per via ...*; that is why Angela Donati has not hesitated to subtitle her book on Epigraphy “La comunicazione nell’antichità”.

<sup>3</sup> Take, for example, the paper presented at the said Constanza congress (published in the journal *Conimbriga*, 1977) which pointed to an innovative “model” of displaying readings that would later become a reality. It is within this project that, for example, the five-volume collection *Inscriptions Romaines de Catalogne* and others have been published.

<sup>4</sup> I’ve always included these editions in a specific chapter of the bibliography for the successive editions of the abovementioned manual. The latest update – now, though, already outdated - dates back to 2010.

<sup>5</sup> One of my predecessors in the chair, Father Avelino de Jesus da Costa, also felt this need and edited copies of the handout book *Apontamentos de Epigrafia* (1956, 21972) – cf. Encarnação 2011.

<sup>6</sup> In *Espacio, Tiempo y Forma* 19-20 (2002-2007) p. 553-556.

<sup>7</sup> Besides these works, those by Lawrence Keppie (1991), Bernard Rémy and F. Kayser (1999), Manfred Gerhard Schmidt (2004), Mireille Cébeillac-Gervasoni et alii (2006), Alfredo Buonopane (2009) and Cooley (2012) are not of minor importance and clearly confirm what has been said about the vitality of epigraphy. I believe that few scientific disciplines enjoy such a privilege.

<sup>8</sup> Re-published in Grenada in 2005.

<sup>9</sup> We take this opportunity to inform that Angel A. Jordán has just published (May 2014) a book, cited in the bibliography, which basically uses the peninsular Roman epigraphic sources to provide an overview of society and politics: “the emperor in Hispanic epigraphy”, “*primi ordines*”, “elite local”, “*ingenui, liberti, servi*” are the topics addressed.

<sup>10</sup> MACHADO, Antonio (1984) – *Poesías completas. Selecciones Austral*. Madrid: Espasa-Calpe, p. 223.

**English language version:** Fátima Paiva (fatimapaiva@ipt.pt)

